

Copom realiza a 11ª alta consecutiva da Selic

Confirmando as expectativas de grande parte do mercado financeiro, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) aumentou a taxa Selic em 0,5 ponto percentual. Assim, a referida taxa que estava em 12,75% ao ano (a.a) passou para 13,25% a.a. Esse é o maior patamar da Selic desde dezembro/16, quando alcançou 13,75% a.a. De março/21 até junho/22 o Copom já aumentou a Selic em 11,25 pontos percentuais. Desde o final do ano 2016 a Selic não ultrapassava o patamar de 13%. Além disso, desde o início de 2022 a Selic está em dois dígitos.



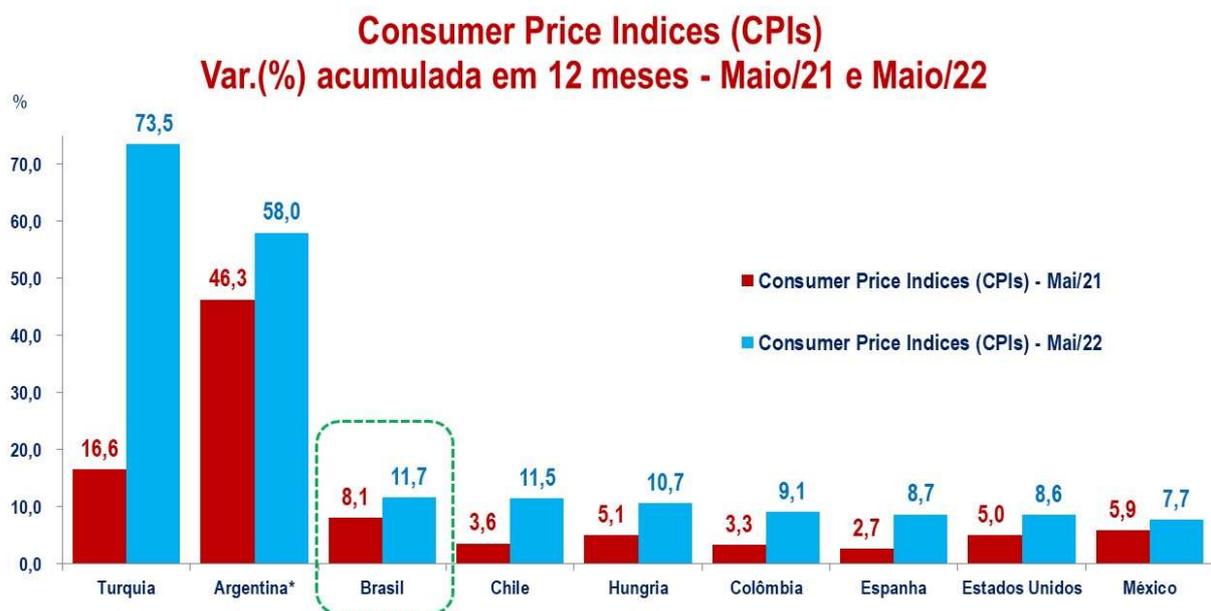
Fonte: Banco Central do Brasil.

Vale ressaltar que enquanto alguns analistas projetam a Selic, no final de 2022, em 13,75% a.a. outros, mais pessimistas, já estimam taxa de 14%, especialmente considerando os debates recentes sobre a possibilidade de riscos fiscais em função de iniciativas para conter o aumento dos preços dos combustíveis. A discussão que se apresenta é que para combater uma política fiscal mais expansionista, o Copom teria que aumentar ainda mais a taxa de juros. Portanto, para alguns analistas, o ciclo de altas da Selic ainda deve continuar.

O objetivo das consecutivas elevações nos juros é conter a inflação. Entretanto, ele ainda não foi alcançado. O Brasil deverá registrar, em 2022, o segundo ano consecutivo de inflação superior ao teto da meta. Neste contexto, vale lembrar que o aumento de preços é um fenômeno global e que tem preocupado a economia mundial desde o início da pandemia. A desestruturação das cadeias produtivas globais provocou uma elevação de preços em todo o mundo. E,

justamente quando essas cadeias estavam sendo recompostas iniciou-se o conflito Rússia x Ucrânia. Também é preciso considerar a preocupação com a política de tolerância zero com a Covid, na China, o que deverá provocar uma desaceleração no seu ritmo de crescimento.

Conforme dados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a inflação nos Estados Unidos acumulou, nos últimos 12 meses encerrados em maio/22, alta de 8,6%, enquanto, no mesmo período do ano anterior era de 5,0%. Além disso, refere-se a maior taxa desde dezembro de 1981 (8,9%). Diversos países apresentam taxas de inflação em 2022 superiores as registradas anteriormente.

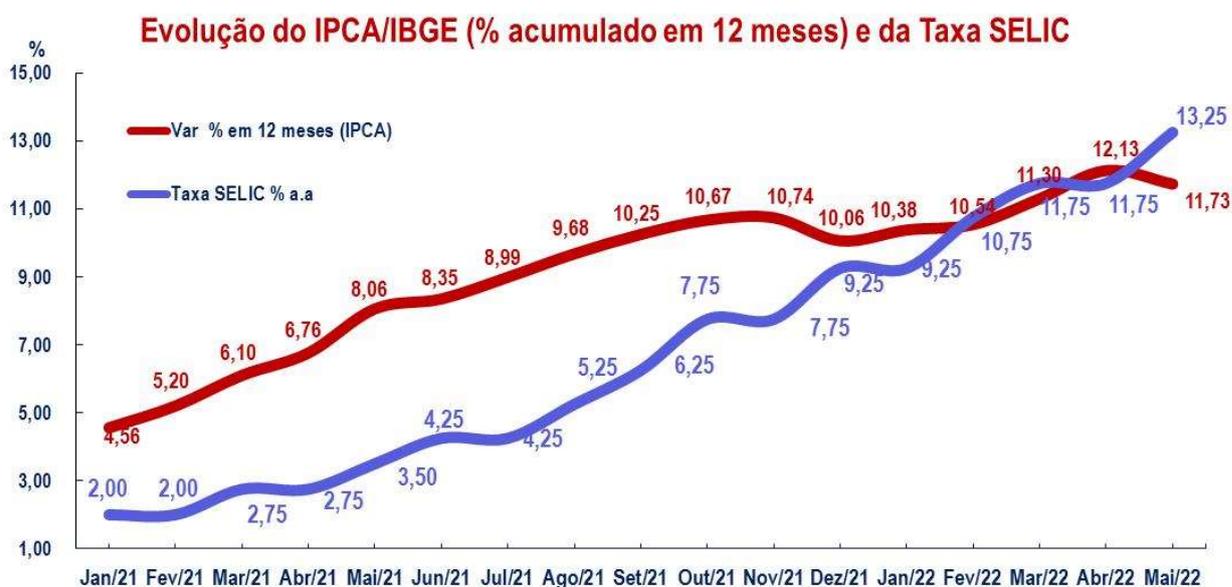


Fonte: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).
* Variações (%) acum. em 12 meses dos CPI's da Argentina, referem-se ao mês de Abril de cada ano.

A aceleração dos preços na economia global também gera preocupação. Isso porque aumentam as incertezas com o incremento dos juros em economias desenvolvidas. Por exemplo, o Federal Reserve, Banco Central americano, aumentou, em 15/06/22, os juros no País para a faixa de 1,5% a 1,75%, o que correspondeu a uma elevação de 0,75 ponto percentual. Refere-se ao maior aumento desde 1994, ou seja, dos últimos 28 anos. O aperto na oferta de crédito da economia americana acaba refletindo em todo o mundo. Câmbio, valores de ações negociadas nas bolsas, nível de investimento, emprego e inflação em diversas economias recebem o impacto dessas altas. É preciso ressaltar que este aperto monetário, que objetiva reduzir o consumo e, com isso, amenizar a inflação, provoca, por outro lado, um maior rendimento dos títulos do Tesouro americano, que são considerados os mais seguros do mundo. Assim, os investidores podem direcionar os seus recursos para esse mercado, reduzindo, então, as suas aplicações em

outras economias. E essa maior procura provoca um aumento do dólar. No Brasil, o aumento do dólar ajuda a alimentar a inflação, que já está persistente.

Mesmo com o expressivo aumento de juros promovido pelo Copom, as estimativas para a inflação continuam se deteriorando e ela deverá encerrar o ano muito superior ao teto da meta (5%). A última pesquisa Focus, realizada pelo Banco Central, e divulgada no início do mês de junho, estima que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e que é o indicador oficial da inflação no País, encerrará 2022 em 8,89%, portanto, muito acima do teto da meta que é 5%. Isso porque o aumento dos preços ultrapassa o incremento da demanda interna por produtos e serviços.



Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil.

Fatores como o conflito Rússia x Ucrânia, o aumento do preço do petróleo, do gás, e o desarranjo nas cadeias globais de insumos exercem influência direta na oferta de vários produtos e, portanto, na inflação. Por esse motivo, questiona-se até onde vai a eficiência dessa forte elevação nos juros. Em março/21, quando a Selic estava em 2% a.a., o IPCA/IBGE acumulava elevação de 6,10% em 12 meses. Atualmente, com todos os acontecimentos adicionais (como a guerra Rússia x Ucrânia e a política de tolerância zero com a Covid na China) o IPCA está em 11,73%, mas os juros estão 11,25 pontos maiores. Além disso, as expectativas para a inflação em 2023 também seguem deteriorando. Atualmente aguarda-se IPCA/IBGE de 4,6% no próximo ano.

Dados do Produto Interno Bruto (PIB), divulgados pelo IBGE, demonstram que a economia nacional, nos primeiros três meses de 2022, cresceu 1%. Esse resultado, que levou a revisão das perspectivas para o dinamismo da economia nacional nesse ano, foi positivo. Entretanto, o impacto total dos aumentos da Selic demora a fazer efeito na economia. Por isso, os reflexos dos aumentos mais recentes da taxa são aguardados para o segundo semestre, o que pode contribuir para arrefecer o ritmo de crescimento da atividade.

Os números do mercado de trabalho, especialmente o formal, demonstra que, apesar da força da variante Ômicron no mundo, no início de 2022, a economia nacional registrou um cenário mais positivo. Conforme dados do novo Caged, divulgados pelo Ministério do Trabalho somente em abril o País contabilizou um saldo (diferença entre admitidos e desligados) de quase 197 mil novos empregos formais, o que correspondeu ao segundo melhor resultado do ano.



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.
(*) Dados com ajustes.

É preciso ressaltar que o aumento dos juros tem capacidade de impactar a Construção , de forma especial, pela redução do nível da atividade econômica que ele produz. Em relação ao financiamento imobiliário, as taxas atuais, apesar de superiores às registradas em 2020, permanecem atrativas e inferiores a outros tipos de crédito. Sempre é bom destacar que elas não aumentam na mesma intensidade/proporção que a Selic. Isso significa que o momento continua propício para quem quer adquirir a sua casa própria.

Apesar da estimativa da CBIC indicar que a Construção Civil crescerá 2,5% em 2022, o setor está longe de recuperar as perdas registradas em anos anteriores. Além disso, o aumento dos juros vem se somar à preocupação com a contínua e persistente elevação de seus custos. Se por um lado a inflação está resistente ao aumento dos juros, o dinamismo da atividade econômica sofrerá consequências e o segundo semestre demonstrará isso. A cada aumento da Selic se reduz a possibilidade de um avanço maior das atividades produtivas do País. Aumento de juros significa, na prática, que o mercado financeiro ganha, e o que o mercado que impulsiona a geração de renda e emprego no País perde.

Elaboração: Economista Ieda Vasconcelos